

MACHADO DE ASSIS

Antônio Sales deixou o seu Ceará acompanhado de sua esposa Alice aos trinta e um dias de dezembro de 1896 chegando aos primeiros dias do novo ano ao Rio de Janeiro. Era mais um soldado a engrossar as fileiras do exército dos exilados.

Já conhecido nas rodas fluminenses através de seus livros de poesias Versos Diversos (1891) e Trovas do Norte (1895), de seu contato pessoal com Raimundo Correia, de sua correspondência com José Veríssimo, levava a fama de criador de uma original associação cultural cearense, a Padaria Espiritual, seu primeiro-forneiro e maior incentivador. Ser padeiro, um honroso cartão de visita. Tanto que ele confessava: *"O meu título de padeiro me abriu muitas portas e me valeu muito boas relações, que ainda hoje conservo. Ao ser ali apresentado (referia-se ao Rio) como poeta cearense, tinha invariavelmente a pergunta: É da Padaria Espiritual? E logo eu tinha que contar como se havia formado e como agia a nossa associação"*.

Antônio Sales, mal chegado à Cidade Maravilhosa, *"forasteiro tímido, sensitivo e pobre"*, iniciou o contato com as maiores figuras da inteligência nacional, dentre elas José Veríssimo, Afonso Celso, Alberto de Oliveira, Graça Aranha, Raimundo Correia e Machado de Assis, perfis humanamente retratados em seus Retratos e Lembranças. Veríssimo, apesar de representar o centro do movimento, afirmava Antônio Sales, *"nem por isso assumiu os ares de chefe, de general da tropa literária, mas, discretamente, a atitude de anfitrião que recebe hóspedes ilustres e os trata com polidez, mas sem familiaridades excessivas e ainda menos com zumbaias servis"*.

Participou o nosso exilado intimamente da roda da Revista Brasileira, local onde passou a funcionar, numa pequena sala da Travessa do Ouvidor, inicialmente, a sede da recente Academia Brasileira de Letras.

Numa carta datada de 2 de fevereiro de 1898 a Magalhães de Azeredo o mestre Machado de Assis relatava: *"Na sala da Revista Brasileira, rua Nova do Ouvidor, 31, costumamos reunir-nos alguns, entre quatro e cinco horas da tarde, para uma xícara de chá e conversação; os mais assíduos são o Graça Ara-*

nha, o Nabuco,¹ o Araripe Júnior, o Taunay,² o João Ribeiro, o Antônio Sales, e ultimamente o Tasso Fragoso".

Resistiu o filho de Paracuru aos apelos dos acadêmicos, não concordando concorrer a uma poltrona no Petit-Trianon.

A Academia não tinha pouso certo. E nem dinheiro. Com o desaparecimento da Revista Brasileira em 1900, já na sua terceira fase, passou a roda ilustre a se reunir no Pedagogium, na rua do Passeio, um velho casarão da antiga Secretaria de Justiça, depois numa das salas do Ginásio Nacional, na rua Marechal Floriano, em seguida num sobradão da rua Teófilo Otoni onde funcionava a Biblioteca Fluminense e, por fim, numa velha sala de frente, escritório do advogado Rodrigo Otávio, na rua da Quintanda, n. 47.

Mas o ponto de concentração inicial, o local de onde partiam em bando os literatos para sua sessão semanal das quintas-feiras na Academia era a Livraria Garnier. E numa dessas tardes, Machado ao vir do interior da livraria ao passar por Antônio Sales que conversava com João Ribeiro, bateu-lhe ao ombro e lhe disse: "*— Sales, vamos à sessão*". Surpreendido pelo convite, o escritor cearense respondeu-lhe: "*— O senhor que é presidente da Academia não sabe que eu não sou acadêmico?*". Gaguejando um pouco, Machado retrucou-lhe: "*— É verdade, mas você merece tanto que eu pensava que já fosse!*"

Chegou mesmo Antônio Sales a fazer parte da Panelinha, entidade criada por Urbano Duarte, em substituição ao Clube Rabelais, com a finalidade de congregar homens de espírito para almoços mensais em restaurantes do Rio. O Comissário do mês era o coordenador do regabofe literário, escolhendo o local, recolhendo as cotas, avisando os comensais.³

A chegada de Antônio Sales coincidiu com a fundação da Academia Brasileira de Letras. E com Machado o autor de Mata-pau passou a manter excelente convívio e duradoura amizade,⁴ não se fazendo sentir entre os dois a diferença de trinta anos de idade. . . Machado se interessava pela saúde, pelos trabalhos, pela situação de seu novo amigo.

Quando o nosso poeta adoeceu no Rio, de paratifo e seguiu em convalescença para Juiz de Fora, em janeiro de 1900, travou conhecimento com um caixeirinho de escrita de um bazar: o então desconhecido Belmiro Braga. O próprio Sales confessava que "*dessa excursão resultou a minha cura e a notoriedade de Belmiro*". Resolveram ambos, admiradores da obra machadiana, colher um apanhado de rosas e com elas enfeitar o retrato do autor de Quincas Borba existente no gabinete do poeta mineiro. Ao homenageado escreveram relatando-lhe a idéia que tiveram. E a resposta não se fez esperar, data de 26 de fevereiro do referido ano:

"Meu caro Antônio Sales

Já me tinha chegado a notícia da doença e da melhora. A sua carta trouxe-me a notícia da convalescença, gorda e alegre, segundo vejo. Estimo sabê-lo assim bom, e conto em breve tornar a vê-lo cá na travessa do Ouvidor onde, aliás, bem pouco vou agora por causa dos trabalhos que pesam sobre mim. A lembrança das rosas foi tão delicada e amiga; agradeço-lha e a seu anfitrião e

*amigo, a quem vou escrever agora mesmo. Venha quando estiver restaurado, e traga o que nos promete escrever sobre os talentos daí. A Revista espera e todos nós com ela. Agradeço-lhe ainda a lembrança das rosas e assino-me
velho amigo*

Machado de Assis"

Sabemos que o morador do chalé do Cosme Velho, n. 18 dono de um temperamento arredo, de difícil familiaridade embora polido, não permitia que as amizades literárias participassem da intimidade de seu lar. Ao tomar o bonde das Águas Férreas, esperava tão-somente encontrar a sua Carolina. Relações familiares só as da esposa e isso mesmo com a colônia portuguesa.

Mas como seria Carolina? Era a curiosidade que tomava conta de Antônio Sales, à cata de um motivo para tal aproximação. E este finalmente chegou quando o Mestre adoeceu não aparecendo na Garnier por algum tempo. Sales foi ter notícias do doente e recebido por Carolina "*senhora de presença distinta e de cabelos grisalhos, com forte acento português de Lisboa, o falar alfacinha*", não coube em si de satisfação. Ela o mandou entrar, disse das melhores de Machado que estava ao lado palestrando com um vizinho. Iria chamá-lo. No que delicadamente o autor de Aves de Arribação não consentiu deixando recomendações de feliz e total restabelecimento para o doente. E de lá se despediu satisfeito por ter saciado sua curiosidade.

Logo depois, deportado para terras gaúchas, veio a tomar conhecimento da morte de Carolina, em outubro de 1904. Escreveu ao Mestre expressando-lhe seus sentimentos de pesar e notificou-lhe o falecimento de um seu irmão, o agricultor Alfredo Sales, também em outubro, recebendo como resposta, numa letra muito trêmula e com palavras superpostas, denunciando já o declínio físico do menino do Morro do Livramento, a seguinte carta:

"Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1904

Meu querido amigo e confrade

Recebi e agradeço o abraço de pêsames pela morte de minha boa e estremecida esposa. Imaginou bem o golpe; não podia ser maior. Não se rompe assim uma existência de trinta e cinco anos sem deixar sangrando a parte que fica.

Não sabia o golpe que também recebeu pela morte de seu querido irmão.

*Neste papel vai também um abraço de pêsames do
Amigo e admirador*

Machado de Assis"

Quatro anos depois da morte de Carolina, Machado também se foi. E o nosso Antônio Sales reverenciou a memória do "*árbitro das letras*", no dizer de Rui Barbosa, neste sentido soneto:⁵

*"Alma grega exilada, em nossos lares
trazendo a luz da perfeição divina,
na inspiração dos teus gentis cantares,
na arte sutil que em teu labor domina!*

*Tu nos deixaste em formas lapidares
intangíveis do século à ruína,
monumentos de graça seculares,
maravilha de idéia peregrina!*

*Foste feliz. . . Na humana trajetória
não te faltou o pábulo da glória,
nem do carinho o tépido conforto. . .*

*Não conheceste os ódios e os reveses,
e se dos maus sordiste algumas vezes,
só fizeste chorar depois de morto"*

Antônio Sales sempre que tinha oportunidade exaltava as atenções especiais que recebia do mestre Machado e recordava *"a maneira pela qual apertava com as duas mãos a mão que eu lhe estendia, até a meiguice um tanto paternal com que me punha a mão no ombro, enquanto me falava"*.⁶

Ambos, Machado e Antônio Sales, tiveram muitos pontos em comum. Pobres e tímidos, sentiam-se bem quando no silêncio de seus gabinetes; sem descendentes, não conheceram as alegrias da paternidade; amorosos, se dedicaram inteira e intensamente às suas companheiras.

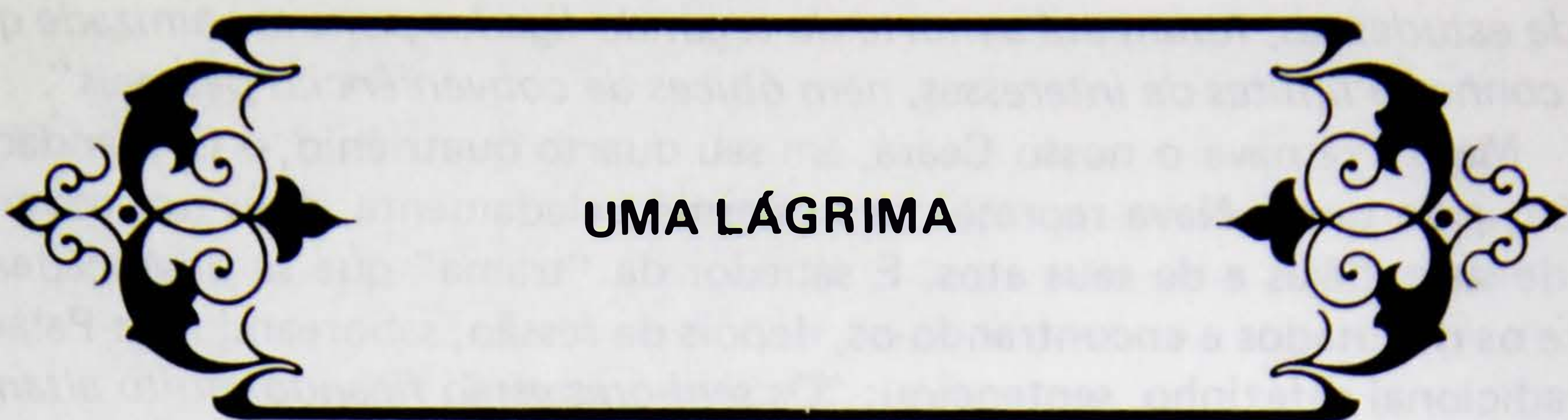
NÓTULAS

- 1 "Uma vez ele me incumbiu de traduzir do espanhol uma poesia religiosa destinada a ser recitada pelas meninas de um colégio de Petrópolis, onde se educava uma filha sua. Fiz a tradução em versos portugueses e submeti-os a sua apreciação. Nabuco achou-a a contento, mas fez-lhe alguns retoques que melhoraram muito meu trabalho. E, depois de mandar copiar os versos, ele me entregou o original com as suas emendas, dizendo: Guarde como uma lembrança minha. Isto é uma obra feita de colaboração, por Antônio Sales e Joaquim Nabuco". Antônio Sales.
- 2 "Do vasto repositório de anedotas e episódios de sua intensa vida política, militar, literária e social, ele tirava todos os dias, para os gastos da conversação, episódios interessantes e não raro de um sabor picante que bem denotava seu espírito gaulês". Antônio Sales.
- 3 Aviso: "Jantar às sete horas da noite de terça-feira, 15 de outubro, no Hotel do Globo. O comissário — Billac".
- 4 Quando João Ribeiro ataca Machado de Assis, num artigo, com os adjetivos imoral, excêntrico e insensível, Antônio Sales se levanta e responde ao ofensor na crônica Homens Ilustres.
- 5 Há outro soneto de Antônio Sales, enviado em nome do Bonde e dedicado a Machado de Assis quando da passagem em 21 de junho de 1897 de seus cinquenta e oito anos

de idade e transcrito no capítulo A Instalação da Academia, Volume 4 de Vida e Obra de Machado de Assis, de R. Magalhães Júnior. Também na Obra Poética, página 204.

Vale a leitura do artigo de Magalhães Júnior "Antônio Sales e Machado de Assis", uma amizade literária, pelas colunas do Jornal do Brasil de 28 de setembro de 1958.

- 6 "Sentimos a par da grande dor de perdê-lo, da funda saudade desse amigo, o consolo de tê-lo amado e haver merecido de sua boca e de sua pena palavras de simpatia e de afeto, que se incorporaram ao modesto cabedal de prêmios que me fazem parecer a própria vida menos dura e mais digna de ser vivida". (da crônica de Antônio Sales, Machado de Assis, publicada um dia após o falecimento do autor de Missa do Galo).



UMA LÁGRIMA

Cunhado de Antônio Sales, José Nava com dezoito anos de idade já fazia parte da Padaria Espiritual, em sua segunda fase, escondido na pele de Gil Navarra.¹

Mas por muito pouco tempo. Dois anos depois ei-lo a estudar medicina na Bahia e aos vinte e cinco anos formava-se em médico e farmacêutico, no Rio, paraninfado pelo sempre lembrado Mestre Miguel Couto.

Casou-se em Juiz de Fora e por lá mesmo foi ficando no exercício de importantíssimas funções técnicas e administrativas. Sua permanência naquela cidade mineira fez com que o nosso poeta, que a ele se ligara profundamente por fortes laços de amizade, de parentesco e de inteligência, quase todos os anos fugisse do verão carioca deleitando-se do clima ameno da Manchester Mineira.

Desgostoso com a politicagem local, mandou-se para o Rio e lá, após concurso, nomeado médico legista da Polícia e da Saúde Pública.

Uma broncopneumonia gripal infecciosa, aos trinta e quatro anos de idade, lhe foi fatal. Estávamos num domingo de 30 de julho de 1911.

Seu maior amigo, o médico, parente e deputado Meton da Franca Alencar Filho, oftalmologista conceituado, ao saber do desenlace, propôs à Assembléia Cearense um voto de pesar, consignado em Ata, proposta aceita por unanimidade.

A amizade entre os dois, Nava e Meton, está fielmente retratada nessas impressões deixadas por Antônio Sales quando da morte do antigo Chefe do Serviço de Oftalmologia da Santa Casa de Misericórdia em 1932:² *“Vi Meton pequenino em casa do meu tio Liberalino, com o seu irmão Chiquito, morto em criança; vi-o depois como estudante do Liceu, companheiro inseparável de meu cunhado José Nava, seu amigo fraterno até na escolha de duas irmãs³ para companheiras de suas vidas; depois no Rio, habitando os dois a minha casa, como estudantes de medicina, numa época felicíssima em que eles amenizavam os labores escolares com brincadeiras que nos divertiam e eram até a diversão dos vizinhos. . . Meton e Nava, tão unidos, que fizeram dos dois nomes um só — Metonava — para assinar versalhadas que cantavam nas suas tro-*

ças de estudantes, foram até a morte do segundo ligados por uma amizade que não conhecia limites de interesses, nem óbices de conveniências pessoais”.

Mas governava o nosso Ceará, em seu quarto quadriênio, o Comendador Acióli, para quem Nava representava, mesmo veladamente, mais um adversário de suas idéias e de seus atos. E sabedor da “trama” que se desencadeava entre os deputados e encontrando-os, depois da sessão, saboreando em Palácio o tradicional cafezinho, sentenciou: *“Os senhores estão ficando muito altaneiros! Já votam uma moção de pesar pela morte de um adversário. Nesse andar ainda acabam-me cagando em cima!”*

Ao saber que a moção houvera sido retirada da Ata, no dia seguinte Meton pediu a palavra renunciando ao mandato. E, diga-se de passagem, Meton de Alencar era cunhado de José Acióli, o Zé Queixo, filho do Oligarca. . .

Antônio Sales não assistiu aos funerais de seu amigo. Não se encontrava no Rio. Andava por aqui desde fevereiro de 1911 e, sabedor da triste notícia, escreveu o soneto Uma Lágrima publicado no dia 5 de agosto nas páginas do jornal oposicionista Unitário:

*“Em ti perdeu-se um coração repleto
da bondade mais límpida e mais rara;
nenhum mau sentimento, o mais secreto,
turbava de tua alma a fonte clara.*

*Do teu formoso espírito seleta
fluía fascinante luz preclara
banhando os outros corações do afeto
que torna a vida venturosa e cara.*

*E em meio do caminho eis que de chofre
tombas ao golpe da fatalidade,
por entre um coro de soluços e ais. . .*

*E hoje cada alma amiga é um negro cofre
cheio da horrível, da cruel saudade,
da dor imensa que não finda mais”.*

NÓTULAS

- ¹ Pai do médico e memorialista Pedro Nava (1903–1984).
- ² Meton e Nava casaram-se com duas irmãs, Hortênsia e Diva, ambas filhas de Joaquim Nogueira Jaguaribe, dono da Fazenda Bom Jesus, este falecido no Rio a 18 de outubro de 1927, aos setenta e sete anos de idade.
- ³ Meton de Alencar, crônica de O Povo, 5 de março de 1932. Esmagado sob os escombros do teto de uma casa em construção, faleceria Meton aqui nesta cidade com cinquenta e sete anos incompletos.